



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

1ª marcha da visibilidade trans de Sorocaba: estética, consumo e comunicação política¹

Josefina de Fátima Tranquilin Silva²

Universidade de Sorocaba (UNISO)

Resumo

Os “corpos trans” emaranham os limites – imaginários – entre o experienciado e o “funcionamento das normas de gênero” (BENTO, 2006), aquele certificado por meio de uma narrativa “cis normativa”, antes mesmo de nossas existências no mundo, fora do útero. Sendo assim, os eixos desta análise são a estética e a mobilidade dos corpos trans, na concentração e no cortejo da “1ª. Marcha da Visibilidade Trans de Sorocaba” – cidade do interior paulista –, organizada pela Associação Transgêneros de Sorocaba (ATS) – uma associação de personalidade jurídica, devidamente constituída e de direito privado, formada por pessoas transexuais e travestis. A observação etnográfica nos espaços físicos do evento, as entrevistas em profundidade e as trocas de mensagens pelo WhatsApp, edificaram a metodologia. Nestes espaços, ergueu-se uma comunicação-política por meio da estética corporal e do consumo, assim como, das representações simbólicas das existências trans.

Palavras-chave: Corpos-trans, Marcha-visibilidade-trans; Estética; Consumo; Comunicação-política;

Introdução:

A “1ª. “Marcha” da Visibilidade Trans: viver + existir + resistir + persistir = transformar”, aconteceu no dia 28 de janeiro de 2018 e foi organizada pela Associação Transgêneros de Sorocaba (ATS), fundada em janeiro de 2017, que “é uma associação de personalidade jurídica, devidamente constituída e de direito privado, formada por pessoas Transexuais e Travestis”³. A “Marcha” contou com o apoio da Secretaria de Igualdade Social (SIAS), da Prefeitura Municipal de Sorocaba e foi o encerramento do evento do “Mês da Visibilidade Trans”. Segundo o “Cruzeiro do Sul” – maior jornal da cidade – que fez a cobertura da “Marcha”, estiveram presentes mil pessoas.⁴

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho comunicação, consumo e novos fluxos políticos: ativismos, cosmopolitismos, práticas contra-hegemônicas do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Dra. em Antropologia (PUC/SP), pós-doutora em Comunicação e Práticas do Consumo (PPGCOM/ESPM/SP), professora da Universidade de Sorocaba (UNISO), conselheira da Associação de Transgêneros de Sorocaba (ATS) e membro do grupo de pesquisa, Juvenália. "Culturas juvenis: comunicação, imagem, política e consumo", entre outros.

³ Disponível em: <<http://www.associacaotransgenerosdesorocaba.com/home>>. Acesso em 02 fev. 2018.

⁴ Disponível em: <<https://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/855726/marcha-da-visibilidade-trans-reune-1-mil-em-sorocaba>>. Acesso em 02 fev. 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Thara Wells, presidenta da ATS, ativista desde os anos de 1990, que se designa como pessoa trans, trabalha como editora de vídeos, promotor de eventos e profissional do sexo nas horas vagas, jornalista – por prática e não por formação acadêmica – e escritora e Fábيا Ferraz do Nascimento, vice presidenta da ATS, ativista desde final dos anos de 1990, travesti, modelista, artista plástica e stylist, foram fundamentais para que a “Marcha” se transformasse em realidade, uma vez que, segundo elas, há muito tempo, as mulheres trans mais ativistas pensam em fazer algo parecido com a “Marcha”, ou seja, uma “Parada somente trans”, mas “o ativismo trans caminha a passos muito lentos [...]” (THARA WELLS). Thara rememora que uma das primeiras reivindicações coletivas “foi em 2003 ou 2004, quando a gente fez uma carreata pelo centro da cidade. Foram 3 carros, seguindo um caminhão de som, cedido pela CUT, onde nós ficávamos”. Nos anos seguintes, as travestis, mulheres e homens trans somente participavam da “Parada”, com pouca visibilidade. A partir de 2016, por meio de uma iniciativa da “Parada LGBT” de Sorocaba, as transgeneridades e travestilidades passam a ter o mesmo destaque que os gays, lésbicas e bissexuais.

O tema da ‘Parada’ foi ‘Por mais ativismos trans: as lutas podem estar juntas’. O Dennys⁵ chamou a Fabia e eu pra ajudar e aí apresentou o Kadu⁶. A partir daí organizamos juntos. Aí fizemos eventos pré ‘Parada’: o ‘Transbordar’, o “Transcender” e o Arraia Trans” (THARA WELLS).

A Parada LGBT de Sorocaba, juntamente com o seu “Conselho Trans”, organizou os seguintes encontros na Associação Pode Crer⁷: “TRANSbordar”, que teve como objetivo discutir as intervenções artísticas de pessoas trans, binárias ou não, que ocorreriam na Parada LGBT daquele ano. Organizou-se, então, “4 rodas de debates discutindo relacionamentos amorosos, nome social + Lei de Identidade de Gênero, mercado de Trabalho e desunião LGBT”⁸, temas esses que estariam representados em intervenções artísticas; o “TRANScender” teve como objetivo dar visibilidade às pessoas trans e travestis por meio de representações artísticas de suas próprias vidas. “Transcender é um tema que carrega muito valor e luz. O significado dessa palavra é capaz de tocar até corações mais vazios e acreditamos que os eventos que o Conselho Trans vem organizando têm essa mesma capacidade ♥”⁹ e

⁵ Dennys Sbizera é gerente da [Parada LGBT de Sorocaba](#) e [Apoglbt-Sor - Associação da Parada do Orgulho LGBT de Sorocaba](#)

⁶ Kadu Nunes auxilia na gerência da “Parada” e é responsável pela comunicação e design da mesma. É também um dos criadores do “Nos Diversos”.

⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/ongpodecrer/>>. Acesso em 20 fev. 2018.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/events/1720356941550718/?active_tab=about>. Acesso em 20 fev. 2018.

⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1652180065110003/>>. Acesso em 20 fev. 2018



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

o “Arraia TRANS”, que foi “uma festinha phyna e babadeira para a gente se conhecer e bater um papo gostoso!”¹⁰.

Um dos resultados dessa maior abertura da “Parada” para as discussões em torno das transgeneridades e travestilidades pode ser visto em 2017: no dia 29 de janeiro deste ano – Dia Internacional da Visibilidade Trans – adveio o lançamento da “Associação de Transgêneros de Sorocaba” (ATS), a qual podemos considerar como um marco para a luta das pessoas trans e travestis. No mesmo dia foi lançada a 1ª. versão do aplicativo “TransForma”¹¹ e ocorreu também uma tímida passeata, nos espaços da Prefeitura Municipal de Sorocaba.

Em 2018 incidiu a “1ª “Marcha” de Visibilidade Trans de Sorocaba”. “[...] um sonho se torna realidade [...]”, nos diz Marcia Fernanda Oliveira, 32 anos, que se considera “só travesti, porque esse nome carrega o ativismo”; trabalha como profissional do sexo e é noiva de Danilo, homem cis e hétero. Thara Wells relata-nos sobre os objetivos: “A Marcha foi pensada e formatada como um ato político para as pessoas trans, já que entre os LGBTs somos as pessoas que mais sofrem violências [...] Queríamos um espaço só nosso para mostrar a necessidade da luta”. E continua Thara:

A nossa realidade é muito difícil. É muito complicado de juntar as meninas e fazer com que elas entendam que é preciso que a gente esteja unida na luta. Então, como eu já falei, fazia tempo que a gente estava pensando em algo que elas se sentissem realmente representadas... que a gente pudesse juntar todas nós... Daí pensamos lá na reunião da ATS, na ideia da “Marcha”, porque elas gostam de festa, de babado... rrsrrs... E obvio que junto com a festa, a gente podia falar da nossa luta e da importância da união... Por isso eu considero a “Marcha” política [...]. Nossa! elas foram e foi uma delícia ver todas elas lá. Acho que elas entenderam a necessidade da união, agora é continuar o trabalho para conscientizar todas elas que a luta é fundamental e que há possibilidade de mudança... Acredito que avançaremos no ativismo a partir da “Marcha”.

Motivos não faltam para o apoio à causa trans: segundo dados do [Dossiê: A carne mais barata do mercado](#), elaborado por Soyanara Nogueira e Euclides Cabral, lançado no início deste ano (2018), com dados do [Observatório da Violência](#), mantido pelo site [Observatório Trans](#)¹² – o qual é atualizado

¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1600641626893699/>>. Acesso em 20 fev. 2018

¹¹ “O aplicativo ‘TransForma’ surgiu da ideia de três amigos que adoram tecnologia e pesquisam sobre juventudes, tecnologia, redes digitais e gêneros. Queríamos fazer algo informativo e educativo, já que as discussões de gênero são excluídas da educação formal em um grande número de municípios do Brasil, inclusive em Sorocaba-SP, cidade onde o aplicativo nasceu. Então, o objetivo do “TransForma” é minimizar o preconceito e ajudar a desconstruir os conceitos “normativos”, que contribuem para a construção dos julgamentos sobre as diversidades de gênero. Desta forma, acreditamos que o app “TransForma” contribuirá com a inclusão social das pessoas LGBTT, principalmente das transgêneras, que são as que mais sofrem abusos de direitos humanos.” Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/TransFormaApp/about/?ref=page_internal>. Acesso em 18 fev. 2018.

¹² Disponível em: <<http://observatoriotrans.org/assassinatos>>. Acesso em 12 abr. 2018



em tempo real –, em 2017 foram 185 assassinatos de pessoas trans, maior número já registrado pelo “Observatório da Violência Trans”, pois no ano anterior foram 144, um aumento de 28%. O número de assassinatos de mulheres trans e travestis em 2018, até o dia 12 de abril¹³, foi de 44 pessoas: 10 (janeiro), 14 (fevereiro), 16 (março) e 4 (meados de abril).

O depoimento de Marcia Fernanda nos mostra as dificuldades em ser travesti no Brasil, extremamente transfóbico:

Venho de uma criação onde metade da família é evangélica obcecada, exceto minha mãe que é só evangélica, pra minha sorte! a outra metade católica fanática e um ou outro que crê em Deus, mas, não segue nenhuma "loja", ou seja, não presta para a família, tipo eu.. Bom, com isso eu fugi à regra [...] Infelizmente mulheres trans são expulsas de casa muito cedo, porque aquele corpo é feminino demais para permanecer em um meio patriarcal, machista e, muitas vezes, colocando em instabilidade as relações afetivas dos demais membros... causando ciúmes e exclusão pelas mulheres da família como mãe, irmãs, tias e primas, para manterem seus "machos alfas" afastado do corpo abjeto que tem seio e pau, que causa fascínio e ódio quase sempre na mesma proporção e, por parte dos homens, é o motivo de chacota de família... Aí me pergunto: não seria esse um dos motivos de sermos condicionadas à prostituição? a mesma tradicional família que nos expulsa, que nos condena ao desemprego, que nos idolatra e literalmente lambe o chão que pisamos, é a que nos mata... Na maioria dos casos é as mulheres trans as expulsas de casa, prostituídas, assassinadas e quando sobrevivem à expectativa de 35 anos de vida, são descartadas.

Seria isso a prova do declínio social onde renegamos a bênção de ter um falo e o papel de macho alfa na sociedade. Nos sentimos muitas vezes bem em ficar só com o falo... e ainda assim, exigimos nosso lugar de fala... em um gênero que nos é negado, mas, ainda assim, temos certeza absoluta de pertencer a ele...

Em todos os espaços da Praça Frei Baraúna, localizada no centro de Sorocaba, não havia como esquecer as violências, discriminações, preconceitos sofridos por aqueles – e por todos – corpos trans que ali estavam. As pessoas trans realmente se sentiram representadas. Uma Reis Sorrequia, estudante de licenciatura plena em Geografia na UFSCar – Sorocaba, pesquisadora queer, trans ativista, integrante do Coletivo Mandala, feminista e LGBTQIA da UFSCar e conselheira na Associação Transgêneros de Sorocaba (ATS), diz: “a Associação Transgêneros de Sorocaba [...] teve um carinho e um cuidado imenso em perceber a falta desse lugar na Parada LGBT ... se trata de um dia muito especial para a luta T [...]”

Sendo antropóloga e com muitos anos exercendo o olhar etnográfico como pesquisadora, transformamos a “Marcha” em objeto/sujeito de estudo: observamos, anotamos, conversamos, principalmente com as pessoas trans, e fotografamos as mais de 5 horas de “Marcha”. Sistematizamos

¹³ Dia em que foi encaminhado este artigo à plataforma do Comunicon 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

as observações, anotações e conversas em um “diário de campo”, e as fotos em um banco de dados imagéticos. Para além da etnografia, utilizamos as fotos da página do Facebook¹⁴ do evento, fizemos entrevista em profundidade com Thara Wells, Fabia Ferraz do Nascimento, Uma Reis Sorrequia e Márcia Fernanda de Oliveira. Também conversamos, via messenger, com Augusto Batista Baêta das Neves e Kaiool Leonard T. Silva¹⁵.

Um dia muito especial para os corpos trans

Chegamos às 14:30 – horário marcado para o início da concentração da “Marcha” – na Praça Frei Baraúna e logo avistamos o caminhão de som, o palco e a Polícia Militar (PM); a tenda da prefeitura; a barraca da ATS vendendo as bandeiras e bandanas nas cores azul, branco e rosa – que simbolizam as pessoas trans; jovens de alguns coletivos de Sorocaba, como, por exemplo, o “Rosa Lilás”¹⁶, coletivo feminista, entregando os panfletos de suas atividades; e panfletos do aplicativo “TransForma” também sendo disponibilizado às pessoas. Algumas jovens mulheres trans, não harmonizadas ou em início de, ao lado das travestis e mulheres trans experientes na luta, transitavam felizes de um lado a outro: eram sempre acolhidas. As juventudes LGB também estavam lá. Havia héteros comemorando a iniciativa, mas, sem sombra de dúvidas, eram em número menor. Comenta Kaiool Leonard T. Silva, homem trans e conselheiro da ATS:

O pessoal marcou a presença com o real intuito que a ATS tinha, de manifestar os direitos da sigla T... o bacana é que se reuniram outras siglas, pessoas fora das siglas, famílias "tradicionais", enfim, todo mundo quis estar junto, não era um role só de pessoas trans e travestis foi marcante para todos! Estou feliz e satisfeito, já quero a próxima¹⁷

Marcia Fernanda de Oliveira, nos conta sobre sua emoção quando chegou na praça:

Ual.....me perguntei: está mesmo acontecendo? chegando perto da praça e vendo alguns oficiais de segurança pública e de trânsito, já fiquei com um misto de frio na barriga, medo que não tivesse público e, por fim, alegria quando falei para mim mesma que o importante era estar acontecendo. Detalhe: chegamos eu, Danilo meu noivo, Kadu [Nunes] nosso amigo, Thara [Wells] minha amiga e presidenta da A.T.S, (organizadora do evento com Fábria Ferraz) uma hora antes de começar...!

¹⁴ Disponível em: <<http://www.associacaotransgenerosdesorocaba.com/galerias/1a-marcha-pela-visibilidade-trans>>. Acesso em 20 fev. 2018.

¹⁵ Como as mulheres trans e travestis eram em maior número que os homens trans, elas serão os sujeitos de nossa análise.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/RosaLilasSorocaba/>>. Acesso em 20 fev. 2018.

¹⁷ Mensagem enviada por WhatsApp em 14 fev. 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Às 15h foi iniciada a programação: animadamente integrantes do “Bloco do Instituto Krucatá”¹⁸ soltam a voz, acompanhados de guitarra e cavaquinho. Depois é a hora da bateria da “Escola de Samba Unidos do Cativeiro”, à qual toda a população trans é sempre bem-vinda. Neste momento, travestis, mulheres trans, meninos trans, os apoiadores LGBs e héteros se unem na alegria dos sambas enredos e dançam, na certeza que ali, na praça central da cidade, naquele momento, as pessoas trans estão libertas da transfobia e podem comemorar a felicidade de suas existências.¹⁹



Uma Sorrequia nos fala:

O simples ato de estar na rua reunidas, é um ato político e de resistência... em muitos desses lugares sofremos, diariamente, violências verbais, psicológicas e até mesmo físicas... estar ali ressignificando esses códigos, pautando a existência de nossas memórias, não somente dessas de violência... é muita coisa para quem por muito tempo não pode nem mesmo sair às ruas.

Abrindo a cerimônia da “Marcha”, Thara Wells faz uma pequena fala e chama ao palco as autoridades presentes: Rogéria Fernandes (coordenadora da SIAS, até então), Iara Bernardes (vereadora do PT), e Fernanda Garcia (vereadora do PSOL). Na sequência, show de Dhanyellen Le'Roah, que se designa como mulher trans e trabalha fazendo shows em evento e baladas. Dhanyellen e Márcia Ramos da Silva, mulher trans, ex profissional do sexo e agora trabalhando como empregada doméstica, dão sequência ao roteiro: cerimônia de enfaixamento da madrinha, Kaily Silva, mulher trans; do padrinho, Arthur Inácio, homem trans; e da miss ativismo, Marcia Fernanda Oliveira. Falas e

¹⁸ Segundo um membro do grupo, que respondeu à nossa mensagem no messenger do Facebook, “Na verdade, a nossa proposta é trabalhar para incluir e integrar pessoas de grupos minoritários ou excluídos, seja por questões de raça, identidade de gênero, gênero, condição socioeconômica, orientação sexual e com deficiência. Assim, não somos exclusivamente compostos por LGBT, mas convidamos pessoas que se classificam como tal para deixar o grupo mais diverso”.

¹⁹ Todas as fotos deste artigo são de Augusto Batista Baêta das Neves.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

pronunciamentos extremamente políticos de ativistas, dos conselheiros e conselheiras da ATS e apoiadores do movimento trans e da própria “Marcha”. Para finalizar a concentração, show com o rapper e homem trans, Lucas Romano, e apresentação de Fantine Germanota, mulher trans e atriz.

A concentração durou em média 2 horas. Foi emocionante apreciarmos todos os momentos, quando os corpos das pessoas trans podiam ser o que realmente são: um “corpo com peito e pau”, como pronunciou a ganhadora da faixa “miss ativismo”, Marcia Fernanda de Oliveira. Ou seja, aqueles corpos de mulheres e homens trans que ali estavam eram:

[...] corpos inconclusos, desfeitos e refeitos, arquivos vivos de uma história de exclusão. Corpos que embaralham as fronteiras entre o natural e o artificial, entre o real e o funcionamento das normas de gênero e, ao revela-las, cria um campo contraditório, de deslocamentos e de fixações dessas mesmas normas. (BENTO, 2006, p. 163)

Observando de forma panorâmica aquele espaço, de cima do caminhão de som, notamos que aquele ato era de “ocupação” da praça, ou seja, era um grito uníssono de travestis, mulheres e homens trans: eu tenho direito, como cidadão e cidadã, a este espaço! Todas (os) juntas (os) e unidas (os). Onde elas – e, às vezes, eles – quase não possuem o poder de estar, estavam. Contrariavam, então, a política do medo e a cultura do horror, que muitas mulheres trans e travestis vivem em seus cotidianos. Ali a população trans sentiu-se representada:

A 1ª “Marcha” da Visibilidade Trans de Sorocaba representou para todas nós, pessoas transgêneras, homens e mulheres transexuais e travestis um reconhecimento integral de nossas identidades e vivências... um espaço efetivo para o trânsito de nossos corpos e belezas... como protagonistas de nossa própria luta (UMA REIS SORREQUIA).

“Corpos e belezas” que protagonizavam a luta por meio da estética feminina. Apreendemos que aquelas que já possuem silicões nos seios e em outros lugares de seus corpos e demonstravam ser um pouco mais adultas – entre 30 a 35 anos –; as poucas mais velhas – entre 40 e 50 anos –; assim como, as muito jovens – entre 15 e 22 anos – que estão iniciando o processo de hormonização e ainda não possuem silicões, se apropriam da estética feminina, aquela muito próxima das mulheres cis: vestidos e/ou shorts, coloridos ou não; pulseiras, colares, anéis, óculos de sol; chapéu feminino e maquiagem. Para Bento (2006), “se o corpo-sexuado é um efeito protético das tecnologias fundamentas na heterossexualidade [e na cisgeneridade], a moda constitui-se como prótese desse corpo. Esse corpo-sexuado fala por intermédio das roupas, dos acessórios, das cores”. Quando perguntamos à Uma Sorrequia sobre sua estética feminina, ela, demoradamente, pega o celular, entra no seu perfil do



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

facebook, procura um conteúdo escrito por ela, e nos dá para ler. Imediatamente, pedimos que nos enviasse um *print* por WhatsApp e reproduzimos partes deste conteúdo, aqui:

Estou UMA pessoa trans de gênero fluido, dentre outras identidades não-binárias, e não me reduzo a ser homem ou mulher - estou entre ou além de tais rótulos - me embebo e me furto do que me é agradável, não faço distinção entre o que é de menino ou menina, apesar de mergulhada em uma sociedade cultural e socialmente marcada por tais regras de gênero, e se escolho, hoje, me apresentar "esteriotipadamente" como uma mulher, não essa que você conhece, é por que acredito na força e no poder que dela advém, em agregar ao meu corpo biológico de macho o que é lido por vocês como de fêmea, e daí entonar minha voz, quando da percepção de que meu corpo foge a junção primária, naturalizada, de que eu deveria estar um homem, ainda que minha anatomia me denuncie, e que bom que o faz, é quando se abre uma brecha para que se ecoe nossas transistórias (UMA SORREQUIA).

Ainda para Bento (2006, p. 164):

O fascínio por roupas, jogos e cores vinculados ao outro gênero que lhes foram proibidos na infância pode ser identificado como desencadeador dos conflitos sociais. A infância é lembrada como um período de permanente insatisfação e de aversão às roupas e a outros acessórios generificados que eram obrigados/das a usar. O momento em que passas a comprar as suas próprias roupas, ao contrário, é descrito com grande felicidade e com um forte sentimento de liberdade [...]

Compreendemos que há, por parte das mulheres trans e travestis, uma apropriação das vestimentas e adornos do universo das mulheres cis e, assim, temos como resultado elementos que se misturam e personificam as travestilidades, as transgeneridades e as transhistorialidades – como nos fala Uma. Outras mulheres trans e travestis com uma proposta estética que, pode-se dizer, quebra com esse padrão mais normativo – meia arrastão, calças pretas de suplex, maquiagem estilizadas que chamam a atenção para o rosto, gliter em partes do corpo, perucas coloridas. Estamos falando de práticas de consumo, uma ação atrelada não somente ao econômico – como querem os economicistas – mas, também, a uma “*racionalidade sócio política interativa*” (CANCLINI, 2008, p. 61 – grifo do autor). Esta racionalidade não se separa das subjetividades e identidades – aqui às de gênero – dos sujeitos. Notemos que os usos que as mulheres trans e travestis fazem das práticas do consumo de suas roupas e acessórios femininos podem libertá-las de um universo sufocante e austero que as vestimentas masculinas lhes colocavam antes da transição.

Na praça em festa havia compartilhamentos de angústias. As dores de muitas ali eram silenciosas em palavras, mas “falantes” naqueles corpos considerados “abusivos” e insuportáveis. Porém, as dores se transformam em afeto: ingrediente fundamental para todas as lutas por direito à vida. Para Kaiool Silva,



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Sobre a “Marcha”? bem, achei maravilhosa, algumas pessoas não gostaram das músicas que rolou e tal, mas, eu não tenho do que reclamar não! Tinha um público jovem muito grande lá e apesar da “Marcha” ser um ato de manifesto pela visibilidade trans, a organização conseguiu não deixar isso maçante, ficou uma comunicação fácil, para todas as idades, foi muito representativo e deixou o recado de que queremos VISIBILIDADE, e essa palavra se enquadra nos direitos como cidadãos e cidadãs e inclusão social, em todos os aspectos!²⁰

E para Augusto Batista Baêta das Neves, que se coloca como pessoa não-binária, assistente em administração na UFSCAR/Sorocaba e conselheiro da ATS:

Fiquei muito feliz em ver as travestis, mulheres trans, homens trans e pessoas de tão diversas identidades "botando a cara no Sol". Esse último caso me fez sentir especialmente contemplado, pessoa não-binária que sou, por perceber que somos bem-vindos a somar na luta. Tudo foi superimportante, às pessoas trans que fizeram shows, falas, e que simplesmente saíram de casa durante o dia, o que já transgride o normalmente aceitável em nossa sociedade hipócrita²¹.

Entendemos, então, que havia ali, em meio à festa, uma resistência negociada com o poder cisheteronormativo, assim como uma resistência à vida que lhes querem furtar. Para Uma Sorrequia:

Talvez tenha sido a primeira vez que um evento na cidade conseguiu reunir tantos/as de nós, e que nos trouxe uma real sensação de representatividade. Muitas mulheres trans e travestis, profissionais do sexo, que dificilmente se sentem acolhidas e abraçadas, mesmo em eventos anteriormente organizados pela ATS, estavam lá, na rua, celebrando, apesar de não termos muito que comemorar.

O cortejo da Marcha: (re)existências trans.

Em cima do caminhão de som foram algumas autoridades e apoiadores da “Marcha”. Pessoas trans todas no cortejo, à frente do caminhão. Segundo Thara Wells “nenhuma e nenhum de nós foi no carro de som porque chegamos à conclusão que no chão mostraríamos mais a luta... teríamos mais visibilidade se ficássemos todas e todos juntos”. Na comissão de frente estavam a miss militância, Marcia Fernanda, e o padrinho, Arthur Inácio, carregando uma grande faixa com os dizeres “Viver, Resistir, Persistir”, e abaixo, em letras garrafais: “Transformar”. Na sequência, o banner da ATS, com o símbolo da “Marcha”. E depois, a bandeira que simboliza as pessoas trans.

²⁰ Mensagem enviada por WhatsApp em 14 fev. 2018.

²¹ Mensagem enviada por WhatsApp em 15 fev. 2018



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO



Na sequência, muitas outras bandeiras: do Brasil, do Estado de São Paulo, do movimento LGBT, do feminismo, das lésbicas, dos bissexuais e dos gays, e uma bandeira feita toda em tecido preto, simbolizando o luto pelos assassinatos e violências sofridas pelas pessoas trans.



Dessa forma linda, alegre e política, seguiu o cortejo: os símbolos das existências Trans, do feminismo e LGBs estavam todos lá.

Olhares atentos daqueles que estão nos carros, nos bares, nas calçadas, nas sacadas dos prédios, em frente às casas. Pessoas sorriem para os integrantes da “Marcha”, perguntam do que se trata. Consentem com os olhares, sorrisos e gestos de cabeça; fotografam, mas não seguem conosco. É difícil descortinar os símbolos das diversidades e seguir em frente, marchando pelas vidas trans.

Percebemos que a “Marcha” provoca, recria, consubstancia uma “relação estética entre cidadãos e cidade” (SILVA, 2001, p. 08).

O que faz uma cidade diferente da outra (...) [são também] os símbolos que os seus próprios habitantes constroem para representá-las. E os símbolos mudam como



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

mudam as fantasias que uma coletividade elabora para fazer sua a urbanização de uma cidade (SILVA, 2001, p. 08).

Em um vai e vem, do começo ao fim do cortejo da “Marcha”, percebemos as construções simbólicas, portanto, imaginárias, que ali existem. Notamos, então, que a “Marcha” faz “sua a urbanização de uma cidade”, e assim comunica a todos a que veio: para mostrar que “Travestir é resistir”. Para muitos, os corpos trans são obscenos, são quase insuportáveis, e a “Marcha” assinala uma comunicação perversa, pois grita o que não pode nem balbuciar, escancara o que não deve mostrar e dá vida aos corpos que devem ser mortos. As estatísticas comprovam!

O uso social marca as margens dentro das quais os usuários familiarizados se auto reconhecem e fora das quais se localiza o estrangeiro. [...] cumpre dizer [...] o território “territorializa-se” na medida em que estreita seus limites e não permite (sobretudo exclui) a presença estrangeira (SILVA, 2001, p. 19 - grifo do autor)

O território “territorializado” vai “desterritorizando” com a presença de corpos considerados estrangeiros, não naturalizados, que vão, destemidamente, afrontando os espaços não permitidos e comunicando a construção de sua visibilidade.

Chegamos ao fim do cortejo, no Parque do Campolim, um dos espaços da cidade mais frequentados pelos sorocabanos de classe média, já que fica em um bairro nobre da cidade, cortado por uma larga avenida, Antônio Carlos Cômitre, que leva ao Iguatemi, principal Shopping Center da cidade. Neste bairro não se vê travestis, mulheres e homens trans, nem as profissionais do sexo, cis ou transgêneras. Tudo é asseado, limpo, higienizado. O Parque é um espaço para lazer, a prática do esporte e caminhadas. Também é cenário de variadas atividades educativas e culturais, apresentações artísticas e shows musicais, quase sempre efetivados pela prefeitura. Árvores, plantas e flores oferecem um perfil soberbo ao Parque e ao bairro. Conforme o cortejo da “Marcha” vai dilacerando a avenida Antônio Carlos Cômitre, vamos reiterando o processo de espetacularização das cidades contemporâneas – mesmo aquela do interior, pois Sorocaba possui mais de 600 mil habitantes. “[este] processo parece estar diretamente relacionado a uma diminuição tanto da participação cidadã quanto da própria experiência corporal das cidades enquanto prática cotidiana, estética ou artística no mundo contemporâneo.” (JACQUES, 2008, p. 47). Dessa forma, observamos, na avenida e no bairro, uma dimensão elaborada e estrategicamente pensada pela “cartografia física” (SILVA, 2001), que cria oficialmente os limites dos espaços geográficos e estes passam a ser, também oficialmente, reconhecidos pelos sujeitos que por ali trafegam. Até o lazer é milimetricamente pensado naquele espaço. Ali, é quase impossível se perder, ser errante.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

E neste espaço que a “1ª. Marcha da Visibilidade Trans” faz seu encerramento. Os corpos trans invadem e desequilibram a higiene do Parque e do bairro. Como nos alerta Leite Jr (2008, p. 172) “é através dos conceitos e expectativas de gênero que se define [...] [os] corpos humanos, quais suas características e diferenças, quais e quantos são os sexos, como podem ou não ser reconhecidos [...]”. Dessa forma, os seres abjetos não são compreendidos como possuindo o mesmo grau de humanidade.”

O caminhão de som se posiciona e muitas pessoas usam o microfone: uma jovem, que se diz pastora, faz uma fala sobre a inclusão das travestis, contradizendo propositadamente o discurso transfóbico de sua igreja; uma jovem mãe de uma criança, que em suas palavras tem “deficiência mental”, profere sobre a inclusão dos deficientes e apoia a inclusão trans; dois meninos trans falam de suas lutas e a felicidade por estarem ali. Algumas outras pessoas que se sentem representadas dão vozes aos seus sentimentos.

Outro caminhão de som está à espera das grandes atrações trans, Alice Guél – travesti, preta e periférica – e Odara Soares²² – mulher trans, rapper, atriz e YouTuber. Alice faz sua performance e Odara declama uma poesia de sua autoria. E o “Bloco do Instituto Krucatá” encerra o evento.

E a luta segue (Considerações Finais)

Analisar a “1ª. Marcha de Visibilidade Trans de Sorocaba”, inevitavelmente, é perceber múltiplos acontecimentos, mas é, principalmente, verificar o quanto é necessário que as manifestações culturais sejam consideradas ações de “politicidades” (ROCHA, 2012; RAMIRES; OLIVEIRA, 2015; TRANQUILIN-SILVA, 2016); outras formas de se fazer política. Dicotomizar a análise sobre cultura e política é desconsiderar essas novas formas do fazer político contemporâneo; aquele feito primordialmente pelas juventudes.

Na concentração, no cortejo e no encerramento da “Marcha, observamos os corpos das mulheres trans e travestis, em estéticas femininas, infringindo o gênero atribuído a elas em seus nascimentos e mostrando a libertação dos entraves de seus corpos trans. Ali ocorreu uma comunicação-

²² Dado o número de páginas desta comunicação, ficará para um próximo artigo a análise da apresentação de Odara Soares e do show de Alice Guél: Rapper do interior de São Paulo, compõe sua arte e relata através do rap suas vivências como travesti, negra e periférica em meio ao país que mais mata transexuais no mundo. Transitando entre as possibilidades de expressão e ocupação oferecidas pelo próprio corpo em seu constante processo de evolução, Alice questiona o sistema moral dominante narrando sua luta pela liberdade de ser quem se é e transgride barreiras com uma poderosa mensagem sobre amor e respeito. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/DeusaTravesti/about/?ref=page_internal>. Acesso em 15 fev. 2018



política por meio das representações simbólicas das existências trans, visibilizadas principalmente na estética feminina e nas práticas subjetivas de consumo daqueles corpos.

Percebemos que a “Marcha” provoca, recria, consubstancia uma “relação estética entre cidadãos e cidade” (SILVA, 2001, P. 8). Essa relação mostra a luta, a união, o afeto a favor da visibilidade e das vidas trans na cidade de Sorocaba, enodoando os espaços higienizados pelas políticas públicas, nas geografias da cidade; desterritorializando o que é territorializado. Pelo menos ali, naqueles espaços, os corpos trans possuem os mesmos graus de humanidade que os corpos cis. Estávamos diante da “cartografia simbólica”, que se ocupa do “croqui”, em um “território” formatado por um “mapa”, nos limites da “cartografia física”. Cartografia simbólica que tem como objetivo “representar tão somente limites evocativos ou metafóricos, aqueles de um território que não admite pontos precisos de corte, por sua expressão de sentimentos coletivos ou de profunda subjetividade social” (SILVA, 2001, p. 24).

Referências Bibliográficas

- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro. UFRJ, 2008.
- SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- JACQUES, Paola Berestein. Cenografias e corpografias urbanas: espetáculo e experiência na cidade contemporânea. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo: Itaú Cultural, n. 5, p. 47-67. abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- LEITE JR, Jorge. Nossos corpos também mudam: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. Tese de doutorado, PPGCSO/PUCSP, p.233, 2008. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/3992#preview-link0>>. Acesso em: 05 set. 2017.
- ROCHA, Rosamaria. Luiza. de Melo. Corpos significantes na metrópole discursiva: ensaio sobre fetichismo visual e ativismo juvenil. **Significação**, São Paulo: USP, v. 37, n 39, p. 126-146, s/m, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/71333>>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- ROCHA, R. de M; TRANQUILIN-SILVA, J. de F. Alteridade de gênero e deslocamentos de sentido como práticas feministas em rede: observações sobre a página “Moça, você é machista”. **Contracampo**: UFF, Rio de Janeiro, v. 35, n. 02, p. 33-51, ago/nov., 2016. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/934/pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018
- RAMIREZ, Liliane. Galindo.; OLIVEIRA Rita. de Cássia. Alves. Movimientos juveniles y usos de las tecnologías digitales em America Latina. In: **Juventudes Latinoamericanas: Prácticas socioculturales, políticas y políticas públicas/ Ernesto Rodríguez [et.al.]; Humberto J. Cubides C (edición literária)**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2015. E-Book.- (Grupos de trabajo de CLACSO / Atilio Alberto Boron). Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20150522115424/juventudes.pdf>>. Acesso em: 05 ago.2017.
- TRANQUILIN SILVA, Josefina. de Fátima. Sou santa, sou puta, sou filha da luta. IN: COMUNICON, 2015, São Paulo. **Anais...** São Paulo: PPGCOM/ESPM, 2015. p. 1-15. Disponível em:< http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT5/22_GT5_TRANQUILIN-SILVA_.pdf >. Acesso em: 02 set. 2017



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

TRANQUILIN SILVA, Josefina. de Fátima. O ativismo digital de Lorelay Fox: estética e performance de gênero. **Comunicação Mídia Consumo: ESPM**, v. 14, n. 40, p. 25-44, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1316/pdf_1>. Acesso em 02 ago. 2017.

TRANQUILIN SILVA, Josefina. de Fátima. Corpos falantes e rostos (in)visíveis: corpo, sexualidade e feminismo em “Moça, você é machista”. **Rumores: USP**, v. 10, n. 20, p. 235-255. Jun/dez. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/116329>>. Acesso em 20 fev. 2018.

TRANQUILIN SILVA, Josefina. de Fátima. Corpos (não)representáveis e suas (in)existências pós-periféricas. **Triade: UNISO**, v. 5, n. 10, p. 131-145, dez. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/3105/2819>>. Acesso em: 20 fev. 2018.